

DA SENZALA PARA IGREJA: OS FIOS E RASTROS DA HISTÓRIA E MEMÓRIA QUILOMBOLA CONHECIDOS PELA PRÁTICA PEDAGÓGICA ENTRE DOCENTE E DISCENTES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PIRATININGA EM BACABAL-MA¹

Jucilane de Sousa Carlos²

INTRODUÇÃO

A prática docente planejada com a inserção do discente na construção do conteúdo permite ao educador um laboratório vivo que pode ir além da análise sobre o processo ensino-aprendizagem. Entender a geração atual de estudantes como proativa e protagonista permitirá a nós educadores fazermos uso de métodos e instrumentos aceitáveis e justificáveis para comunidade escolar e principalmente para família.

Ao fazermos uso da figura de um cenário composto por escola, família, alunos, professores e recursos didáticos, onde a sociedade é a plateia, o entrosamento desses figurantes nas atuações pode adotar ações de forma que contribuam com os resultados estipulados pelo roteiro da formação cidadã, científica e relacional para os alunos.

Lecionar a disciplina de História para turmas do Ensino Médio na rede pública e tecnológica já há quase seis anos, tem levantado indicadores sobre as expectativas para as competências a serem adquiridas pelos estudantes.

Em reuniões da escola com a família há recorrente interrogação sobre como a escola garantirá o ingresso de seus filhos no curso superior. Já em sala de aula os alunos veem o livro didático como seu único instrumento capaz de fornecer o suficiente na construção da aprendizagem.

Dentro do grupo dos demais docentes e dos alunos há ainda a idealização da atuação dos conhecimentos históricos voltados para a contemplação do passado, idealização dos heróis com negação à dinâmica e atuação dos diversos personagens sociais, a descontextualização, entre outros. Quando propomos olhar por outras vertentes e que a construção dos conhecimentos pode ser feita com a atuação dos alunos na mesma proporção, ou até maior que a intermediação do docente, os estranhamentos são recorrentes.

Trazemos dentro do conteúdo os estudos da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, como são legitimados pelas leis 10.639/003 e 11.645/008. A expectativa e fala imediata dos alunos ficam restritas a eventos voltados para datas comemorativas do calendário nacional, regional e local, o reducionismo midiático para as manifestações religiosas, aqui sem desconsiderar o valor cultural, a culinária e o folclore. Um reconhecimento simplista que mascara elementos que precisam ser pesquisados, analisados e propagados na sociedade com o devido valor étnico.

Situações suficientes para gerar inquietações, que nos levaram a planejar estratégias que desconstruam padrões sociais sobre a função da escola, proporcionar aos alunos situações para aquisição de segurança em usar diferentes instrumentos de suporte aos estudos e reconhecimento dos elementos formadores da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Alunos que possuem no seu entorno geográfico local a forte presença de Comunidades Remanescentes Quilombolas, mas não receberam na sua formação estudantil o acesso à esses elementos formadores de sua história.

¹ Projeto de Extensão.

² Docente Mestre em História e Cultura – UECE. Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA Campus Bacabal.

O Estado do Maranhão, conforme a Fundação Palmares na contagem dos processos para certificação quilombola entre os anos de 2004 à 2016, conta um total de 421 certidões emitidas para 594 Comunidades Remanescentes Quilombolas.³

O município de Bacabal-MA fica localizado na Microrregião do Médio Mearim, Rio Mearim, à 250km da capital do estado, seu histórico remonta às fazendas com trabalho escravo

Onde está a Praça Nossa Senhora da Conceição, em Bacabal, o coronel Lourenço da Silva estabeleceu, em 1876, uma fazenda para cultivo do arroz, algodão e mandioca, aproveitando o trabalho escravo. Sobrevindo a Abolição, a fazenda foi vendida ao Coronel Raimundo Alves de Abreu, que passou a comercializar com libertos e índios, cujas malocas se erguiam na atual localização do bairro Juçaral. Com o desenvolvimento do comércio e o crescente afluxo de novos moradores, a fazenda prosperou e o povoado cresceu rapidamente. A imigração de nordestinos, que muito contribuiu para a expansão agrícola local, fez com que Bacabal, ainda no século passado, alcançasse a posição de primeiro centro produtor do Estado. O nome do município teve origem na grande quantidade de palmeiras de bacaba ali existentes nos primórdios de sua colonização. Elevado à categoria de vila e distrito com a denominação de Bacabal, pela Lei Estadual n.º 932, de 17-04-1920, desmembrado de São Luís Gonzaga (Instituto de Geografia Brasileiro – IBGE.)⁴

Uma cidade com entorno rural em sua maioria habitada por remanescentes quilombolas, as comunidades com certificação pela Fundação Palmares correspondem à Campo Redondo, Catucá, Guaraciaba, Piratininga e São Sebastião dos Pretos.⁵

A Comunidade Remanescente Quilombola Piratininga é entrecortada pela rodovia BR – 316, há variável quanto à origem do nome, a mais aceita e repassada pelos moradores está relacionada ao igarapé que passava por essas terras no passado, e a espécie de peixe, que pela ascendência indígena em Tupi-Guarani remonta à “peixe seco”. Atualmente após invasões e atuação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, os limites da Comunidade são feitos pelas fazendas.

No que diz respeito às conceituações de “remanescentes das comunidades dos quilombos” e das “terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos”, o INCRA traz a Instrução Normativa nº 57, de 20 de outubro de 2009,

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autodefinição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (IN 57/09, Art. 3º), [...] e consideram-se terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos toda a terra utilizada para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural (IN 57/09, Art. 4º).

A Comunidade Remanescente Quilombola de Piratininga⁶ veio à nossa atenção como principio das pesquisas, devido o acesso rápido pela equipe composta por uma docente e dez

³http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/01/tABELA_CRQs_COMPLETA-Atualizada-31-12-15.pdf – Acessado em: 05/06/2016.

⁴<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=210120&search=maranhao|bacabal|infograticos:-historico>.

⁵Certidões Expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombolas (CRQs) Atualizada até Portaria Nº 28/2016, Publicada no D.O.U. de 07/03/2016: Campo Redondo 12/05/2006; Catucá – 06/12/2005; Guaraciaba – 12/05/2005; Piratininga – 06/12/2005; São Sebastião dos Pretos – 21/05/2014. - <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/04/CERTID%C3%95ES-EXPEDIDAS-%C3%80S-COMUNIDADES-REMANESCENTES-DE-QUILOMBOS.pdf>.Data: 05/06/2016.

⁶ Reconhecida pela Fundação Palmares sob o registro n. 426, fl. 34, pela Portaria FCP n. 06, de 01 de março de 2004.

alunos das turmas de segundo e terceiro ano do Ensino Médio. Nas visitas às casas de Piratininga os fios que constroem suas histórias poderam ser contemplados pelos alunos.

Através de Rodas de Conversas a problemática girou em torno do conhecimento que compreende a temporalidade desde a chegada dos moradores mais antigos que tenha referência com a história e cultura africana no Brasil, e os enlaces que história sofreu com o passar dos anos, para compreendermos o tempo presente. Entrevistas que revelaram as motivações da vinda dos fazendeiros donos de escravos, as relações entre os dois grupos sociais “senhor e escravo”, como as terras de fazenda de escravo passaram para Quilombo de Piratininga, o processo de libertação dos escravos, a ocupação dessas terras e conflitos gerados pelas invasões, os desafios para manutenção da cultura afrodescendente e as relações com a área urbana do município de Bacabal.

A memória quilombola ofereceu aula de História ao vivo, conteúdo prático, inferências, referências, sentimentos, contentamento, saudosismo, alívio e outras reações presentes nas entrelinhas das entrevistas que tivemos o privilégio de coletar. “Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade” BOSI (2003).

As fontes coletadas foram além das entrevistas e compõe acervo impresso como poemas, monografias e outros, além de fotografias de objetos herdados da remota e indesejada escravidão, de espaços e prédios que traduzem a temporalidade dos acontecimentos que constroem a identidade de Piratininga.

A relação estabelecida entre a equipe de alunos do ensino médio e a prática de pesquisa fazendo uso de recursos teóricos e metodológicos incluíram a relação entre História Oral e Memória, como fonte para resgate do conhecimento quilombola, suporte que encontramos em WICKHAM e FENTRESS (1994), “Cada individuo tenta memorizar alguma da informação que tem directamete a ver com a magra porção do globo social que ocupa”.

A forma como o conhecimento pode ser apreendido, acessado, investigado diz como os sujeitos se comportam entre as lembranças e esquecimentos.

A forma como o conhecimento social é conservado na memória colectiva é sempre muito diferente da forma com ele aparece, por exemplo, num código. Esse ponto é muito importante. A palavra escrita não é espelho dos nossos pensamentos. Quando muito, os registros textuais só representam a consciência colectiva de uma forma indireta. WICKHAM e FENTRESS (1994) p. 23.

O contato com o acontecimento pode possibilitar diferentes versões, e por vezes por que não arriscar dizer, contraditórias. O aluno ter contato com esse universo constructo da história, os meandros da memória e ter nas mãos as ferramentas da História Oral, o faz perceber que “escrever não só congela a memória como a congela sob formas textuais que evoluem de maneira bastante diferente das que servem a memória oral” p. 22.

Fazermos uso da História Oral certamente nos remete ao debate que Sonia Maria de Freitas – 2002 evidencia em História Oral: Possibilidades e Procedimentos. Aqui o “método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica de entrevistas que utilizam um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método” (FRETIAS, 2002).

Percurso Didático para Educação Étnico Racial.⁷

⁷ Alunos membros da equipe que desenvolveu pesquisa e extensão sobre o Quilombo Piratininga: Curso Técnico em Administração/2º ano do Ensino Médio: André Silva Jacinto, Gyselle da Silva de Moraes, Lígia Caroline Sousa Nascimento, Taine Brandão dos Santos e Wagner Carlos Mesquita da Silva; Curso Técnico em Administração/3º ano do Ensino Médio: Ana Rayssa de Araújo Silva e Silva, Fernanda Larisse Souza da Silva e

A educação das relações étnico-raciais em comum acordo com a legislação vigente da educação brasileira tem por base ações “[...] institucionais e pedagógicas visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros.”, conforme (SECAD, 2006).

A ação docente de levar aluno para dentro da Comunidade Quilombola possibilitou andar por entre as casas, conversar com os moradores de forma que a confiança fosse estabelecida para que as histórias de ocupação das terras pudessem ser conhecidas na linguagem de quem traz essa herança. Espaços foram registrados em fotos e material bibliográfico cedido para equipe.

As entrevistas foram analisadas pelos alunos e transformadas em palestras. O material cadenciou das raízes quilombolas, lutas, costumes, culinária e práticas religiosas. Costumes culturais que os alunos perceberam entre os fios do tempo passado.

A dicotomia presente quando ao assunto “castigos físicos para os escravos” foi percebido de imediato entre os alunos. Entrevistas que relataram a presença, frente a entrevistas que desviram-se do assunto, e quando muito negava que seus familiares ou povo havia passado por tamanha humilhação.

De frente para quem viveu a história ou traz na memória sua construção o aluno estabelece impressões, que as pesquisas bibliográficas reduzem do que podem ser percebidos pelas emoções, sons, cheiros e expressões faciais.

Alunos em posse de um acervo que apresenta peculiaridades transmitidas pelos entrevistados, histórias pensadas e repensadas em vídeo e slides. Alunos que passaram atuar como contadores de história para outros adolescentes.

O acervo atingiu a divulgação entre um público de 400⁸ adolescentes, alunos do ensino médio da rede pública no município de Bacabal-MA. O debate entre jovens adolescentes foi estabelecido e o questionamento mais apontado foi quanto à inexpressiva publicação sobre cultura quilombola do município pelos livros didáticos ou material utilizado em sala de aula, o foco artístico da história quilombola que é ensinado no Ensino Fundamental e a falta de discussão teórica sobre os Quilombos regionais frente a super valorização dos Quilombos em outros estados brasileiros. Público de alunos que estão no Ensino Médio e que essas palestras foram a primeira oportunidade de conhecer o povo que compõem a sua história.

O impressionismo entre alunos pesquisadores e alunos que assistiram as exposições sobre Piratininga indicam um quadro local da segregação histórica da cultura Africana e afro-brasileira. Conhecer para não deixar morrer, compreender para não ser um cooperador do preconceito, mas ensinar o que é ser quilombola, remanescente quilombola e se perceber membro dessa parte da identidade nacional.

Os Caminhos da Senzala para a Igreja.

A escravidão no Maranhão remonta ao século XVII, mas o aumento do número de africanos destaca-se no século seguinte, principalmente nas duas últimas décadas que antecederam a abolição da escravidão, pelo incentivo da cultura do algodão, arroz, milho e mandioca. Piratininga foi ocupada por volta de 1885 por portugueses para exploração da terra através do trabalho escravo de africanos.⁹

Raquel da Conceição de Alencar; Curso Licenciatura em Química: Antônio Fernando Vasconcelos Cavalcante; Curso Técnico em Informática/2º ano do Ensino Médio: Wesley Henrique Machado de Sousa.

⁸ Escola Militar Tiradentes em Bacabal-MA. Palestras realizadas em maio de 2016. Público: alunos das três séries do ensino médio, totalizando 400 alunos presentes.

⁹ A construção do histórico de ocupação do Estado do Maranhão feito por SOUSA 2015, aponta datações que estabelecem relações com a vinda dos africanos escravizados para o trabalho nas terras na Região de Piratininga.

A casa de feitoria era um prédio que ficava no centro da fazenda Piratininga. Nas palavras do entrevistado Sr. Amilson Silva:

A casa de feitoria nesta época, era a casa de apoio onde os branco mandavam nos nego, se alojaro ali e mandava nos nego. Esses brancos vieram de Portugal e mandava nos nego aqui na região, trusseram alguns nego da África, alguns era daqui ai era os escravo que eles mandavam ai o pessoal que tinha propriedade, vinha aqui e dizia assim: - Eu quero três preto pra trabalhar!¹⁰

A casa de feitoria em Piratininga funcionava como entreposto para o comércio de escravo para os fazendeiros nas proximidades, assim repassa o Sr. Amilson Silva,

- Era o serviço escravo. [...] - Eu quero três preto pra trabalhar nas minha fazenda, um serviço pra mim. Só que ele prestava conta era com o branco. Ai levava, levava esses preto, aqueles que tivesse dano corpo mole lá, fazendo corpo mole, ele mandava de volta e mandava dizer pro branco: “Olha esse ai tô mandando porque ele não tá querendo trabalhar aqui, tava cozinhando galo aqui, fazendo cera”. Ai ele ia pá taca, mandava ôto pra lá, e esse ficava aqui na taca. Então era dessa forma que era as escravidão.

“Os brancos” como são chamados os portugueses que se assenhorearam da região e da vida dos “pretos” tinham sua residência dividida em cômodos, alguns para sua vida doméstica e outros serviam de feitoria. O local onde ficara o prédio que os brancos moraram, atualmente dá lugar a algumas árvores, restando uma igreja que foi erguida sobre as ruínas da casa de feitoria.

Havia um “branco que era o chefe de todos os outros, que mandava os outros brancos acompanhar os trabalhos”. O bisavô do Sr. Amilson fora um desses “escravos carreiro dos brancos”. A denominação “escravo carreiro” aplicava-se àquele que era responsável pelo controle dos escravos do trabalho na agricultura, a guarda destes na senzala e a realização do comércio de escravos para fazendeiros da região. “Com carro de boi levava o pessoal pro serviço e tomava de conta.” Sr. Amilson.

Os escravos apanhavam. Seu Canuto¹¹, neto de escravos em Piratininga, descreve “Apanhava de cipó, [...] Apanhava muito, aqui foi ruim”. Conseguir descrever o nome de escravos como: Maquimaôme, Tolentino que era seu avô, Juarez e Jamelês. A história que sabe foi contada por sua mãe.

O casal de brancos donos das terras Cecília Baima de Carvalho ou Maria Raimunda de Carvalho (Cota), viúva do coronel Teófilo Baima de Carvalho. As terras saíram da posse portuguesa com a Lei Áurea, Dona Cecília deixa como doação para os “pretos”, seus ex-escravos, os registros foram feitos no cartório mais próximo, Ipixuna, hoje São Luis Gonzaga do Maranhão.

Nesse momento os relatos se cruzam e o antagonismo é gerado. Uma das brancas, a Dona Cecília, fica nas terras quilombolas e se casa com um “negro carreiro”, agora “livre”, começa a geração que nasce após o fim da escravidão para compor os moradores da Comunidade Remanescente Quilombola em Piratininga.

Piratininga conta a quarta geração após a libertação da escravidão, sendo o Sr. Amilson Silva Carvalho, o Sr. Canuto e o Sr. Zé Horário de Carvalho nascidos de negros libertos, mas que foram filhos de escravos, ambos ainda continuam residindo no Quilombo, exceto o Sr. Zé Horário Carvalho, já falecido. Seu nome entrou em nossos relatos porque sua

¹⁰ Sr. Amilson Silva Carvalho. Entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2016. Morador da Comunidade Remanescente Quilombola de Piratininga.

¹¹ Canuto – 85 anos. Entrevista concedida em sua residência no mês de fevereiro de 2016.

esposa Sra. Raimunda Oliveira carvalho - Dona Dinha, foi uma das entrevistadas que fomentaram esse trabalho.

Os moradores foram se misturando em casamento com quilombolas de outras regiões. Os residentes de hoje em Piratininga são bem poucos que conseguem reviver em suas lembranças tais acontecimentos.

A Igreja católica é consagrada a São Lourenço, “a casa grande é lá onde hoje é a Capela São Lourenço que era a casa grande, bem na frente da Capela tem um cajueiro centenário do tempo da escravidão” - Dona Dinha. Ao redor do cajueiro fica o cemitério dos anjos, local onde são enterradas crianças até idade de 15 anos. É no cemitério do Bambu que o demais moradores são enterrados. Os dois cemitérios são contemporâneos da época da escravidão e a prática ainda é presente.

As lendas mais destacadas pelas comunidades são a “Luz azul”- trata-se de uma luz azul que os negros dizem ver e que acompanha as pessoas na estrada, “Berrador”- pode-se ouvir na beira do lago, o “Bicho virado” um animal parecido com um porco que tem o corpo virado e o “Reclamador” uma voz reclamando que se escuta à noite, associa-se à morte de alguém.

Na culinária o café de leite de coco babaçu foi a surpresa entre as receitas que fazem parte das refeições diárias da região e se assemelham com o centro urbano em Bacabal.

A fala de seu Canuto é regada de inconformação pela dificuldade de acordo entre dos moradores de Piratininga. As questões ligadas à venda de terras são motivadoras de constantes conflitos no Quilombo. Desde a doação das terras pelos antigos donos, Piratininga sofre com a prática de grilagem e invasões pelos fazendeiros da região. Conflitos que precisaram da intervenção do governo federal. Os lotes foram divididos e legalizados, mas ainda assim a venda das terras ocorre, causando descontentamento entre os moradores.

História que vive pela memória de seus moradores que vêm da descendência dos escravos. Contadores de histórias que olham para seu presente e percebe a distância do conhecimento pelos moradores das gerações mais novas. Memória que precisa ser conhecida e guardada, para ser repassada à todos quanto fazem parte da cultura afrobrasileira.

CONCLUSÃO

O ensino de História pode fomentar a desconstrução da ideia de pesquisa formalizada em publicações impressas e utilizada unilateralmente como fonte pela escola, frente à proposta do aluno construir o conteúdo fazendo uso da memória de quem viveu ou herdou as lembranças dos meandros sociais das relações, objetos, costumes e outros fios do tempo passado.

Os alunos foram desafiados a caminhar na história, entender silêncios e aprender e aprender a respeitar comportamentos. Na visita ao cemitério dos anjos e cemitério do Bambu, o simples olhar não conseguiria apreender a rigidez e silêncio dos túmulos. Mas a falta de conservação chamou a atenção.

Aqui moram os que viveram o insucesso da travessia do mar Atlântico, que fecharam seus olhos definitivamente sem ver na gente dessa terra a certeza de vida sem peleja contra o chicote do feitor e olhar assombrado da ganância em fazer a terra dar lucro.

Os alunos, adolescentes que viveram dias para conhecer de perto histórias negadas na sua formação estudantil, estudo que os habilitou sobre as práticas da pesquisa. Experiência que levanta o questionamento quanto ao fato de não se trabalhada a história local sobre os quilombolas.

Entre os moradores de Piratininga houve dificuldades de se fazer os relatos sobre suas histórias, havendo sempre um direcionamento para as pessoas que contatamos para as entrevistas.

Na prática da extensão nossos alunos se viram desafiados a ensinar o que aprenderam. Se depararam por vezes com o descaso quando o tema “Memórias e Origens Quilombolas em Bacabal-Ma” era anunciado. Mas o desenvolvimento do assunto atraía a plateia, que ao final nos pressionavam pelo entendimento de tal assunto não está no currículo escolar.

A aplicação legítima sobre os estudos da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, conforme as leis 10.639/003 e 11.645/008, em nível estudantil precisa ser encarada pelos profissionais da área com a devida seriedade que cada nível escolar pode estudar.

Fazer pesquisa sobre o assunto e simplificar em título acadêmico, foge da ampliação que os resultados por inferir sobre a comunidade. Os docentes da rede de ensino nas diversas áreas podem ampliar sua prática e auxiliar os estudantes na construção mais consciente para as relações étnicas.

O estímulo à proatividade e protagonismo juvenil nos estudantes na prática do Ensino de História, para alunos do Ensino Médio, numa escola pública de ensino técnico permitiu que nossos estudantes, bem como os que assistiram nossas palestras, a aquisição de postura cidadã como promotora das relações étnicas. O Quilombo de Piratininga agregou valores como espaço de aprender a conhecer para respeitar e valorizar a diversidade.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. - 8. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CALMON, Pedro. **História Social do Brasil. – Espírito da Sociedade Colonial. vl. 1**. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2002.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social**. – Ateliê Editorial. São Paulo. 2003.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. - São Paulo. Humanitas. FELCH, 2002.

Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br>>. Acesso em: 05/06/2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em: 05/06/2016.

Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília**. SECAD, 2006.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo. Contexto, 1992.

SOUSA, Arinaldo Martins de. **RELATÓRIO ANTROPOLÓGICO DE CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA, ECONÔMICA, AMBIENTAL E SÓCIO-CULTURAL DO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA “PIRATININGA” - Bacabal-MA**. Ecodimensão Meio Ambiente e Responsabilidade Social Ltda. Curitiba-PR. 2015.

WICKHAM, Chris. FENTRESS, James. **Memória Social – Novas Perspectivas sobre o Passado**. Ed. Teorema. 1994.

